



GT 058. Processos identitários étnicos, território e tradições de conhecimento

Claudia Mura (UFAL) - Coordenador/a, Edviges Marta Ioris (Universidade Federal de Santa Catarina) - Coordenador/a, Estêvão Martins Palitot (Departamento de Ciências Sociais UFPB) - Debatedor/a, Alexandra Barbosa da Silva (UFPB) - Debatedor/a, José Mauricio Paiva Andion Arruti (UNICAMP) - Debatedor/a

Com objetivo de dar continuidade ao debate iniciado na última RBA, este GT pretende reunir pesquisas etnográficas que focam os processos identitários étnicos e territoriais, com especial atenção às dinâmicas da organização social do conhecimento que os acompanham. Procura-se alimentar o espaço de diálogo e análise sobre o gerenciamento, distribuição e hierarquização do conhecimento em diferentes contextos experienciais (históricos e políticos) que definem específicas relações de poder e de modos de significação e elaboração étnica. Nesses termos, a proposta tem como base uma abordagem gerativa e comparativa, fundamentada nos desdobramentos analíticos de Barth para uma sociologia do conhecimento que visa esclarecer as formas como a diferenciação, a alteridade, a gerada e reproduzida através de constantes fluxos culturais. Serão valiosas as contribuições provenientes de investimentos empíricos que abordam os processos de mudança (sociais, políticas e econômicas), as elaborações de cosmologias e manifestações simbólicas, bem como os quadros morais que orientam as experiências individuais e coletivas no estabelecimento e gerenciamento das relações intra e interétnicas. Também bemvindas são as contribuições que abordam as unidades sociopolíticas em diferentes escalas, como famílias e/ou linhagens, e que analisam a forma como as alianças se efetivam no tempo e espaço -extravasando ou não o nível étnico-, assim como as variações na elaboração e sistematização dos fluxos culturais.

Rotas indígenas e trocas na história do rio Tapajós, Amazônia

Autoria: Daniel Belik

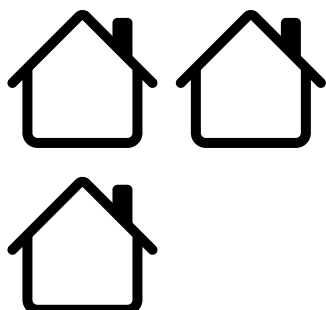
Os relatos históricos de viagem na Amazônia abundam em informações acerca dos lugares por onde se passou, das dificuldades no trajeto e dos povos indígenas que tiveram contato. Nessa coleta de dados o antropólogo se situa em uma linha de continuidade com o viajante, a ele devendo o seu próprio universo empírico de base? (Oliveira Filho, 1983: 85). Na maioria dos casos, no entanto, essas observações eram feitas pelos próprios indígenas que serviam como práticos que pilotavam as canoas; buscavam os valiosos produtos da terra; eram línguas dos diversos grupos indígenas e até ajudavam no reconhecimento das expedições demarcadoras de limites (Roller, 2012: 110). No século XIX, por exemplo, a chamada "pacificação" dos índios Mawé e depois Mura e Munduruku abriu espaço para a navegação pelo rio Madeira e Tapajós quando quilos de ouro, prata e diamantes passaram a ser contrabandeados com as minas de Mato Grosso. Em toda a área do médio rio Tapajós, no entanto, havia circulação de índios envolvidos no intercâmbio do guaraná e outros produtos florestais como borracha, farinha, salsaparilha e cumaru. A relação travada com alguns desses povos mais pormenorizadamente deu acesso ao que se pode chamar de "rede de bons caminhos mais do que simples trilhas que saíam das aldeias ribeirinhas" (Porro, 1995: 127). Essa apresentação, portanto, tem por foco mostrar como a mobilidade indígena por esses caminhos guiou a colonização para além das margens dos grandes rios e, em contrapartida, esta se valeu das redes de trocas que já existiam entre os grupos étnicos para estender o comércio aos produtos que mais lhes interessavam. Essas andanças, ainda que não exclusivas da região Amazônica, instigaram uma reconfiguração dos fluxos



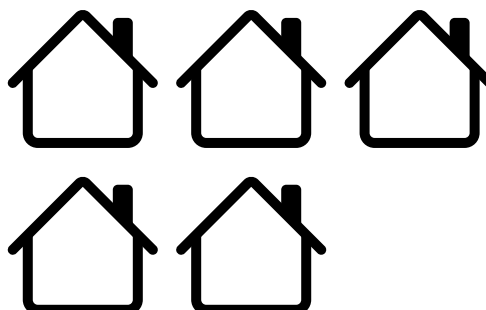
culturais ameríndios que eram influenciadas pela sazonalidade sendo o auge da seca o período de maior fartura e movimento e quando se dão as festas nas comunidades e visitas entre familiares (Harris, 1998: 72). Esses novos contatos, não só comerciais mas também culturais e míticos, contribuíram para a transformação das relações que já existiam entre os diversos grupos indígenas ora unindo, ora separando coletivos através de uma proliferação de etnônimos nem sempre compreensíveis ao olhar externo.



Realização:



Apoio:



Organização:

